

Natureza Morta

Louise Penny

Tradução de

Maria Manuel Cardoso da Silva



D.QUIXOTE

Miss Jane Neal entregou a alma ao criador na bruma da madrugada do domingo de Ação de Graças. Foi uma grande surpresa para todos. Miss Neal não teve uma morte natural, a não ser que se acredite que tudo acontece como é suposto acontecer. Se assim for, com os seus setenta e seis anos, Jane Neal caminhava para este momento final quando a morte a encontrou nos brilhantes bosques de ácer, nos limites da aldeia de Three Pines. Caiu de bruços, como a imitar um anjo, sobre as folhas reluzentes e quebradiças.

O inspetor-chefe Armand Gamache, da Sûreté do Quebec, ajoelhou-se com as rótulas a estalar como estampidos de uma caçadeira e as mãos, grandes e expressivas, hesitantes por cima do pequeno círculo de sangue que maculava o casaco macio da mulher, como se por magia conseguisse curar a ferida e fazê-la reviver. Mas não podia. Não tinha esse dom. Felizmente tinha outros. O cheiro a naftalina, o perfume da sua avó, atingiu-o. Os olhos doces e bondosos de Jane olhavam-no fixamente, como que surpreendidos por o verem.

E ele estava surpreendido por vê-la a ela. Esse era o seu pequeno segredo. Não que alguma vez a tivesse visto. O seu pequeno segredo era que, a meio dos cinquenta anos, no auge de uma longa e agora aparentemente estável carreira, a morte violenta

ainda o surpreendia. O que era estranho para um chefe do Departamento de Homicídios, e talvez uma das razões por que não tinha progredido mais no mundo cínico da Sûreté.

Gamache esperava sempre que alguém se tivesse enganado e não houvesse cadáver algum. Mas não havia engano quanto ao corpo cada vez mais rígido de Miss Neal. Endireitando-se com a ajuda do inspetor Beauvoir, abotoou o amarrotado *Burberry* protegendo-se do frio de outubro e ficou a pensar.

Uns dias antes, Jane Neal também se atrasara, mas por motivos completamente diferentes. Tinha combinado encontrar-se com a sua querida amiga e vizinha, Clara Morrow, para tomarem um café no bistrô da aldeia. Clara esperava sentada à mesa junto à janela. A paciência não era o seu forte. A mistura de *café au lait* com a impaciência produzia uma estranha vibração. Pela janela dividida por uma travessa, Clara olhava, ligeiramente ansiosa, para o relvado da aldeia e para as velhas casas e áceres que rodeavam o parque público. As árvores, que ganhavam maravilhosos tons de vermelho e âmbar, eram talvez a única coisa a mudar naquela venerável aldeia.

Emoldurada pelas travessas das janelas, viu uma carrinha de caixa aberta a descer a rua du Moulin até à aldeia, com uma bonita corça pintalgada languidamente pendurada por cima do capô. A carrinha contornou lentamente a área verde, fazendo os aldeões pararem a meio do caminho. Era época de caça em território de caça. Mas caçadores como aqueles eram principalmente de Montreal ou de outras cidades. Alugavam carrinhas de caixa aberta e percorriam as estradas secundárias ao entardecer e ao crepúsculo, como larvas esfomeadas, à procura de veados. E quando avistavam um, deslizavam até parar, saíam do carro e disparavam. Clara sabia que nem todos os caçadores eram assim, mas muitos eram. Esses caçadores prendiam o veado com correias ao tejadilho e

percorriam a região, acreditando que o animal morto no veículo proclamava de algum modo o feito de grandes homens.

Todos os anos os caçadores, para além de matarem vacas, cavalos e animais de estimação, também se matavam uns aos outros. E, inacreditavelmente, por vezes atiravam sobre si próprios talvez em episódios psicóticos em que se tomavam a eles mesmos por jantar. As pessoas sensatas sabiam que alguns caçadores – nem todos, mas alguns – consideravam estimulante fazer a distinção entre um pinheiro, uma perdiz e uma pessoa.

Clara pensava no que teria acontecido a Jane. Raramente se atrasava, por isso podia facilmente desculpá-la. Para Clara era fácil perdoar a maior parte das ofensas à maior parte das pessoas. Demasiado fácil, advertia-a por vezes o marido, Peter. Mas Clara tinha o seu pequeno segredo. Na realidade, não deixava passar tudo. A maioria das coisas, sim. Mas algumas guardava-as secretamente e recordava-se delas nos momentos em que precisava de se confortar pela indelicadeza dos outros.

Sobre o *Montreal Gazette*, deixado em cima da mesa, tinham caído migalhas de *croissant*. Por entre elas, Clara esquadrinhou os cabeçalhos: «Partido do Quebeque Vota Referendo sobre a Soberania», «Rusga Apreende Droga nas Townships», «Caminhantes Perdidos no Tremblant Park».

Clara levantou os olhos dos cabeçalhos taciturnos. Havia muito que ela e Peter tinham deixado de assinar os jornais de Montreal. A ignorância era, de facto, uma bênção. Preferiam o *Williamsburg County News*, onde podiam ler notícias sobre a vaca de Wayne ou a visita de Guylaine aos netos, ou ainda o leilão de um edredão para o lar de idosos. De vez em quando, Clara pensava se estariam a arranjar desculpas, a fugir da realidade e da responsabilidade. Depois percebia que não queria saber. Além disso, aprendia tudo o que de facto necessitava para sobreviver exatamente ali no Bistrô do Olivier, no centro de Three Pines.

– Estás a milhas – disse uma voz familiar e muito querida. Ali estava Jane, ofegante e a sorrir, com as rugas de expressão na face rosada pelo frio do outono e pela caminhada apressada desde a sua casa, do outro lado do relvado. – Desculpa o atraso – segredou ao ouvido de Clara quando ambas se abraçaram, uma pequenina, gorducha e ofegante, a outra trinta anos mais nova, magra e ainda a vibrar com a força da cafeína. – Estás a tremer – continuou Jane sentando-se e pedindo o seu *café au lait*. – Não sabia que te preocupavas tanto.

– Velha nojenta – riu-se Clara.

– Hoje de manhã era, de certeza. Já soubeste o que aconteceu?

– Não. O que aconteceu?

Clara inclinou-se para a frente ansiosa por notícias. Ela e Peter tinham estado em Montreal a comprar telas e acrílicos para o seu trabalho. Eram ambos artistas. Peter, um êxito. Clara ainda não se revelara e, lá no fundo, a maior parte dos seus amigos achava que provavelmente assim se manteria se insistisse em obras incompreensíveis. Clara tinha de admitir que a sua série de úteros guerreiros dificilmente atingia o público comprador, apesar de os seus temas domésticos de cabelos volumosos e pés enormes terem obtido um certo sucesso. Vendera um. Os restantes, aproximadamente cinquenta, estavam na cave, que se parecia bastante com o ateliê de Walt Disney.

– Não – sussurrou Clara uns minutos depois, genuinamente chocada. Durante os vinte e cinco anos que vivera em Three Pines nunca, mas nunca, tivera conhecimento de um crime. O único motivo pelo qual se fechavam as portas era para evitar que os vizinhos se desenvencilhassem de cestos de curgetes na época da colheita. Tal como os cabeçalhos do *Montreal Gazette* esclareciam, é verdade que havia outra colheita tão importante como a das curgetes: marijuana. Mas quem não estava envolvido fazia de conta que não via.

Para além disso, não havia crimes. Nem arrombamentos, nem vandalismo, nem assaltos. Nem sequer havia polícia em Three Pines. De vez em quando Robert Lemieux, da Sûreté local, dava uma volta pelo espaço público só para se mostrar, mas não havia necessidade.

Até àquela manhã.

– Poderia ter sido uma brincadeira? – Clara debatia-se com a terrível imagem que Jane descrevera.

– Não. Não foi brincadeira – disse Jane, recordando-se. – Um dos rapazes riu-se. Pareceu-me familiar, agora que penso nisso. Não era um riso divertido. – Jane voltou os olhos azuis para Clara. Olhos repletos de espanto. – Era um som que eu tinha ouvido quando era professora. Não muitas vezes, graças a Deus. É o som típico dos garotos quando estão a fazer uma maldade que lhes dá prazer. – Jane estremeceu com a recordação e puxou o casaco para si. – Um som desagradável. Estou contente por não teres estado lá.

Disse isto quando Clara estendeu a mão por cima da mesa escura e redonda, pegando na pequena mão fria de Jane e desejando do fundo do coração ter lá estado em vez de Jane.

– Não passavam de miúdos, dizes tu?

– Usavam passa-montanhas, por isso era difícil dizer, mas acho que os reconheci.

– Quem eram?

– Philippe Croft, Gus Hennessey e Claude LaPierre. – Jane sussurrou os nomes olhando à sua volta para se certificar de que ninguém ouvia.

– Tens a certeza? – Clara conhecia todos aqueles rapazes. Não eram propriamente meninos de coro, mas também não eram do género de fazer uma coisa daquelas.

– Não – admitiu Jane.

– É melhor não contares a mais ninguém.

– Demasiado tarde.

– Que queres dizer com «demasiado tarde»?

– Disse os nomes deles, esta manhã, quando aquilo estava a acontecer.

– Disseste-os baixinho? – Clara sentiu o sangue a latejar nos dedos das mãos e dos pés, a correr depressa para o coração. Por favor, por favor, por favor, suplicou silenciosamente.

– Gritei. – Vendo a expressão de Clara, Jane apressou-se a justificar-se. – Queria travá-los. Resultou. Eles pararam.

Jane ainda via os rapazes a fugir, tropeçando pela rua du Moulin, para fora da aldeia. O da máscara verde brilhante virara-se para olhar para ela. Das mãos ainda lhe escorria esterco de pato: o esterco que ali havia sido colocado como adubo de outono para os canteiros de flores do relvado da aldeia e ainda não espalhado. Gostaria de ter visto a expressão do rapaz. Estaria zangado? Assustado? Divertido?

– Então tinhas razão. Sobre os nomes, quero dizer.

– Provavelmente. Nunca pensei viver o suficiente para ver aqui uma coisa destas.

– Então foi por isso que te atrasaste? Tiveste de limpar?

– Sim. Bem, não.

– Queres ser um pouco mais vaga?

– Talvez. Fazes parte do júri da próxima exposição da Arts Williamsburg, não é?

– Sim. Vamos reunir-nos esta tarde. O Peter também faz parte do júri. Porquê? – Clara quase tinha medo de respirar. Poderia ser isso? Depois de toda a sua persuasão e suave ironia, e por vezes não muito suaves empurrões, iria Jane fazê-lo?

– Estou pronta. – Jane soltou o suspiro mais forte que Clara jamais ouvira. Tão forte que atirou uma rajada de migalhas de *croissant* da capa do *Gazette* para o colo de Clara. – Atrasei-me – explicou Jane lentamente com as mãos a tremer – porque tive de decidir. Tenho uma pintura que gostaria de incluir na exposição.

Dito isto, desatou a chorar.

O talento de Jane fora sempre um segredo conhecido em Three Pines. De vez em quando, alguém que passeava nos bosques ou por um campo dava com ela concentrada numa tela. Mas obrigara toda a gente a jurar que não se aproximava, não olhava, que desviava o olhar como se testemunhasse um ato quase obsceno e que nunca falaria nisso. A única vez que Clara vira Jane zangada fora quando Gabri se tinha aproximado por detrás dela quando estava a pintar. Pensara que ela estava a brincar quando os avisara para nunca olharem.

Estava enganado. Ela falava muito a sério. De facto, tinham sido necessários alguns meses para Jane e Gabri se reconciliarem; ambos se haviam sentido atraídos um pelo outro. Mas o bom feitio e a amizade recíproca que sentiam tinham resolvido o desentendimento. Mesmo assim, servira de lição.

Ninguém devia ver as obras de Jane.

Até àquele dia, aparentemente. Mas agora a artista estava dominada por uma emoção tão forte que se encontrava sentada no restaurante e chorava. Clara ficou simultaneamente arrepiada e assustada. Olhou furtivamente à sua volta, em parte na esperança de que ninguém estivesse a olhar e em parte desesperadamente esperada de que alguém reparasse e soubesse o que fazer. Depois fez a si própria a pergunta simples que a acompanhava e consultava como um rosário. O que faria Jane num caso daqueles? E obteve a resposta. Jane deixá-la-ia chorar, deixá-la-ia gemer. Deixá-la-ia partir a louça toda, se fosse preciso. E Jane não fugiria. Depois de passada a tormenta, estaria ali. E então envolveria Clara nos seus braços e confortá-la-ia e dir-lhe-ia que não estava sozinha. Nunca estaria sozinha. E assim Clara ficou sentada, a olhar e a esperar. E sentiu o desconforto de não fazer nada. Até que o choro abrandou lentamente.

Clara levantou-se com uma calma exagerada. Abraçou Jane e sentiu o velho corpo endireitar-se, rangendo. Depois proferiu

uma pequena oração de agradecimento aos deuses que concedem graças. A graça de chorar e a graça de estar atento.

– Jane, se soubesse que era assim tão doloroso nunca teria insistido contigo para mostrares a tua obra. Desculpa.

– Oh, não, querida – estendeu a mão por cima da mesa a que estavam novamente sentadas e pegou nas mãos de Clara –, não percebes. Não eram lágrimas de dor. Não, fui surpreendida pela alegria. – Jane olhou para longe e abanou a cabeça como se estivesse a ter uma conversa íntima. – Finalmente.

– Como se chama o teu quadro?

– *Dia de Feira*. É sobre o cortejo final da Feira Regional.

E foi assim que, na sexta-feira anterior à Ação de Graças, o quadro foi colocado num cavalete na galeria Arts Williamsburg. Estava embrulhado em papel do talho e atado com cordel, como uma criança protegida contra os elementos cruéis e frios. Lenta e meticulosamente, Peter Morrow segurou no nó, puxando o cordel até este se soltar. Depois enrolou o velho cordel à volta da palma da mão como se estivesse a enrolar lã. Clara estava capaz de o matar. Estava prestes a gritar, a saltar da cadeira e a empurrá-lo para o lado. Para atirar o patético rolo de guitarra para o chão, e talvez Peter com ele, e arrancar da tela o papel encerado. Contudo, o seu rosto tornou-se ainda mais plácido, apesar de os olhos estarem prestes a saltar-lhe das órbitas.

Peter desembrulhou cuidadosamente o primeiro canto do papel, depois o outro, alisando os vincos com a mão. Clara não fazia ideia de que um retângulo tivesse tantos cantos. Sentia a borda da cadeira a espetar-se-lhe no traseiro. Os restantes membros do júri, reunidos para avaliar as obras apresentadas, pareciam entediados. Clara tinha ansiedade de sobra para todos.

Cada um dos cantos ficou finalmente liso e o papel pronto a ser retirado. Peter voltou-se para encarar os outros quatro

jurados e fazer um pequeno discurso antes de revelar a obra que estava por detrás do papel. Uma frase curta e de bom gosto, achava ele. Um pouco de contexto, um pouco de... Deu com os olhos arregalados no rosto vermelho da mulher e percebeu que quando Clara ficava assim não era altura para discursar.

Virou-se rapidamente para o quadro e puxou o papel pardo revelando o *Dia de Feira*.

Clara ficou boquiaberta. A cabeça descaiu-lhe como se subitamente fosse demasiado pesada. Os olhos abriram-se-lhe mais e parou de respirar. Era como se tivesse morrido por um instante. Então o *Dia de Feira* era aquilo. Ficou sem fôlego. E claramente os outros jurados sentiam o mesmo. Havia vários graus de incredulidade no semicírculo de rostos. Até a presidente, Elise Jacob, estava calada. Na verdade, parecia prestes a ter um ataque.

Clara detestava avaliar o trabalho dos outros e aquele era o pior de todos. De boa vontade teria dado um pontapé em si própria por ter convencido Jane a apresentar o seu primeiro trabalho de sempre aos olhos do público numa exposição que ela mesma estava a avaliar. Seria ego? Seria mera estupidez?

– Este trabalho chama-se *Dia de Feira* – leu Elise nas suas notas. – Da autoria de Jane Neal, de Three Pines, que desde sempre apoiou a Arts Williamsburg, mas é a sua primeira candidatura... – Elise olhou à volta. – Comentários?

– É maravilhoso – mentiu Clara. Os outros olharam para ela, espantados. À sua frente sobre o cavalete encontrava-se uma tela sem moldura e o tema era óbvio. Os cavalos pareciam cavalos, as vacas eram vacas e as pessoas eram todas reconhecíveis, não só como pessoas mas como membros da comunidade. Porém, eram todas figuras lineares. Ou talvez um passo evolucionário a partir de figuras lineares. Numa guerra entre um exército de bonecos lineares e aquelas pessoas em *Dia de Feira*, as pessoas do *Dia de Feira* ganhavam só por terem um bocadinho mais de músculo.

E dedos. Mas era claro que aquelas pessoas só viviam em duas dimensões. Clara, numa tentativa de perceber aquilo para que estava a olhar e tentando não fazer as comparações óbvias, achou que era um pouco como um desenho rupestre sobre tela. Se Neandertal tivesse feiras municipais, teriam aquele aspeto.

– *Mon Dieu*. O meu filho de quatro anos faz melhor do que aquilo – disse Henri Larivière recorrendo à comparação óbvia. Henri tinha sido operário numa pedreira antes de descobrir que a pedra falava com ele. E ele ouvia. Depois disso não houvera forma de voltar atrás, evidentemente, apesar de a família ter saudades dos dias em que recebia pelo menos o salário mínimo em vez de enormes esculturas de pedra. O seu rosto, agora como sempre, era largo, rude e inescrutável, mas as mãos falavam por ele. Estavam voltadas para cima num gesto simples e eloquente de súplica, de rendição. Debatia-se para encontrar as palavras certas, sabendo que Jane era amiga da maior parte dos jurados.

– É horrível. – Tinha claramente deixado de se debater e regressava à verdade. Tanto isso como a sua descrição eram, na verdade, simpáticas comparadas com o que realmente pensava.

Em cores arrojadas, brilhantes, o trabalho de Jane mostrava o cortejo que antecedia o encerramento da feira. Os porcos só se distinguiam das cabras por serem vermelho-vivo. As crianças pareciam adultos em ponto pequeno. Na verdade, pensava Clara inclinando-se hesitantemente para a frente como se a tela lhe pudesse desferir outro golpe, aquilo não eram crianças. Eram adultos pequenos. Reconheceu Olivier e Gabri a conduzir os coelhos azuis. Nas bancadas por detrás do cortejo sentava-se a multidão, muitos de perfil, a olharem uns para os outros ou a desviarem o olhar uns dos outros. Alguns, não muitos, olhavam diretamente para Clara. Todas as bochechas tinham círculos vermelhos perfeitamente redondos, denotando, calculou Clara, um brilho saudável. Era horrível.

– Bom, este pelo menos é bastante fácil – afirmou Irenée Calfat. – É recusado.

Clara sentiu as extremidades a ficarem frias e dormentes.

Irenée Calfat era ceramista. Pegava em pedaços de barro e transformava-os em trabalhos sofisticados. Era pioneira num novo processo de vidrar os trabalhos e era agora procurada por ceramistas de todo o mundo. Evidentemente, depois de fazerem a peregrinação ao estúdio de Irenée Calfat, em Saint-Rémi, e passarem cinco minutos com a Deusa da Lama, ficavam a saber que tinham cometido um erro. Era uma das pessoas mais egoístas e mais mesquinhas à face da Terra.

Clara perguntava-se como é que uma pessoa tão desprovida das normais emoções humanas conseguia criar obras de uma tal beleza. «Enquanto tu te debates com dificuldades», disse a vozinha maldosa que a acompanhava.

Espreitou Peter por cima da borda da sua caneca. Tinha um bocado de queque de chocolate agarrado à cara. Clara limpou instintivamente o rosto espalhando inadvertidamente nozes no cabelo. Mesmo com aquele pedaço de chocolate na cara, Peter era fascinante. De uma beleza clássica. Alto, de ombros largos como um lenhador e não como o artista delicado que era. O seu cabelo ondulado tornara-se agora grisalho, usava sempre óculos e tinha rugas a pontuarem-lhe o canto dos olhos e o rosto bem barbeado. A rondar os cinquenta anos, parecia um homem de negócios numa atividade de lazer. A maior parte das manhãs, Clara acordava e ficava a olhá-lo, enquanto ele dormia, a desejar aninhar-se debaixo da sua pele e enrolar-se à volta do seu coração e mantê-lo em segurança.

A cabeça de Clara parecia um íman que atraía comida. Era a Carmen Miranda da culinária. Peter, pelo contrário, apresentava-se sempre imaculado. Podia estar a chover lama que ele regressava a casa mais limpo do que quando saía. Mas às vezes, umas gloriosas vezes, a sua aura natural deixava-o ficar mal e aparecia

com um bocado de qualquer coisa agarrado à cara. Neste momento, Clara sabia que lhe deveria dizer. Mas não disse.

– Sabem – interveio Peter, e até Irenée olhou para ele –, acho que é formidável.

Irenée suspirou e lançou um olhar significativo a Henri, que simplesmente a ignorou. Peter procurou Clara e devolveu-lhe o olhar por uns instantes, uma espécie de pedra de toque. Quando Peter entrava numa sala, varria-a com o olhar até encontrar Clara. E então ficava descontraído. O mundo exterior via um homem alto e distinto com a sua desgrenhada mulher e ficava a perguntar-se porquê. Alguns, sobretudo a mãe de Peter, até o consideravam uma aberração da Natureza. Clara era o seu centro, e tudo o que nele havia de bom, saudável e feliz. Quando olhava para ela, não via o cabelo indomável, os vestidos desajeitados, os óculos de aros de chifre da loja dos trezentos. Não. Via o seu porto seguro. Embora, garantidamente, naquele momento também visse um pedaço de noz no cabelo dela, o que era mais ou menos uma característica identificadora. Levantou instintivamente a mão para sacudir o próprio cabelo, fazendo cair da cara o pedaço de bolo.

– Que é que vês? – perguntou Elise a Peter.

– Honestamente, não sei. Mas sei que precisamos de o aceitar.

Esta breve resposta deu ainda maior credibilidade à sua opinião.

– É um risco – afirmou Elise.

– Concordo – disse Clara. – Mas o pior que pode acontecer é o quê? As pessoas que visitarem a exposição pensarem que cometemos um erro? Pensam sempre isso.

Elise assentiu em concordância.

– Eu digo-vos qual é o risco – interveio Irenée, «a vocês, idiotas» estava implícito enquanto continuava. – Fazemos parte desta comunidade e mal conseguimos levar as coisas a bom

termo. O nosso único valor é a credibilidade. Assim que se pensar que aceitamos trabalhos baseados não no seu valor como arte mas porque gostamos do artista, que somos um grupinho de amigos, estamos arruinados. É esse o risco. Ninguém nos vai levar a sério. Os artistas não vão querer expor aqui com receio de ficarem malvistas. O público não virá, por saber que tudo o que veem é lixo como... – Aqui as palavras faltaram-lhe e limitou-se a apontar para a tela.

Então Clara viu. Só um lampejo, qualquer coisa insignificante a tocar-lhe a consciência. Por um ínfimo instante, o *Dia de Feira* cintilou. As peças juntaram-se e depois o momento passou. Clara percebeu que voltara a parar de respirar, mas também percebeu que estava a olhar para uma obra de arte. Tal como Peter, não sabia porquê nem como, mas naquele instante o mundo que parecera de pernas para o ar voltou a endireitar-se. Sabia que *Dia de Feira* era uma obra extraordinária.

– Acho que é mais do que maravilhosa, acho que é brilhante – disse.

– Oh, por favor. Não vê que ela está a dizer aquilo só para apoiar o marido?

– Irenée, ouvi a tua opinião. Continua, Clara – disse Elise. Henri inclinou-se para a frente, a cadeira a gemer.

Clara levantou-se e avançou lentamente até ao quadro no cavalete. Tocava-a profundamente num lugar de tanta tristeza e perda que tudo o que podia fazer era impedir-se de chorar. «Como podia ser?», perguntou a si mesma. As imagens eram tão infantis, tão simples. Quase tolas, com gansos a dançar e pessoas sorridentes. Mas havia mais. Qualquer coisa que escapava ao seu entendimento.

– Peço desculpa. Isto é embaraçoso – sorriu, sentindo as faces a arder –, mas na verdade não consigo explicar.

– Porque não pomos de lado o *Dia de Feira* e olhamos para as restantes obras? No fim voltamos a ele.

O resto da tarde decorreu com bastante calma. Quando voltaram a olhar para o *Dia de Feira*, o sol estava a pôr-se tornando a sala ainda mais fria. Estavam todos exaustos e só queriam que aquilo acabasse. Peter acendeu os focos superiores e colocou o trabalho de Jane no cavalete.

– *D'accord*. Alguém mudou de opinião sobre o *Dia de Feira*?
– indagou Elise.

Silêncio.

– Calculo que sejam dois a favor da aceitação e dois contra.

Elise olhou silenciosamente para o *Dia de Feira*. Conhecia Jane Neal de vista e gostava do que via. Sempre lhe parecera uma mulher sensível, amável e inteligente. Uma pessoa com quem seria bom conviver. Como é que esta mulher tinha criado aquele trabalho descuidado, infantil? Mas... veio-lhe uma nova ideia à mente. Não era, de facto, uma ideia original nem sequer nova para Elise, mas nova naquele dia.

– O *Dia de Feira* está aceite. Será exibido com as outras obras de arte.

Clara saltou de contentamento, derrubando a cadeira.

– Oh, vá lá – disse Irenée.

– Exatamente! Muito bem. Ambas comprovaram a minha ideia – declarou Elise, sorrindo.

– Que ideia?

– Por qualquer razão, o *Dia de Feira* desafia-nos. Mexe conosco. Irrita-nos – aqui Elise virou-se para Irenée –, confunde-nos – um breve mas significativo olhar para Henri, que abanou levemente a cabeça grisalha –, provoca-nos... – um rápido olhar para Peter e Clara.

– ...alegria – disse Peter no momento exato em que Clara disse «tristeza». Olharam um para o outro e riram-se.

– Agora olho para ele e sinto-me, como Henri, simplesmente confusa. A verdade é que não sei se o *Dia de Feira* é um exemplo brilhante de arte *naïf* ou o rabiscar patético e delirante

de uma idosa sem talento. É essa a inquietação. E é por isso que tem de fazer parte da exposição. Posso garantir-vos que é o quadro de que as pessoas irão falar nos cafés depois da *vernissage*.

– Horrível – exclamou Ruth Zardo ao fim da tarde, apoiada na bengala e a beber *scotch*. Os amigos de Peter e Clara estavam reunidos na sala de estar deles, à volta da lareira crepitante, para um jantar de véspera de Ação de Graças.

Era a bonança antes da tempestade. Família e amigos, convidados ou não, chegariam no dia seguinte e iriam arranjar maneira de ficar durante todo o fim de semana de Ação de Graças. Os bosques estariam cheios de passeantes e caçadores, uma infeliz combinação. O jogo de futebol anual decorreria no relvado da aldeia no sábado de manhã, seguido pelo mercado das colheitas à tarde, um último esforço para se verem livres de tomates e curgetes. Nessa noite acender-se-ia a fogueira, enchendo Three Pines com o delicioso cheiro das folhas e madeira queimada e o suspeito aroma a gaspacho.

Three Pines não vinha assinalado em nenhum mapa turístico por se situar muito afastada de qualquer estrada principal ou mesmo secundária. Tal como Narnia, era geralmente encontrada inesperadamente e com alguma surpresa por uma aldeia tão antiga ter estado sempre escondida naquele vale. Quem tivesse a sorte de a encontrar uma vez, geralmente encontrava o caminho de volta. E o Dia de Ação de Graças, no princípio de outubro, era a época perfeita. O ar estava geralmente fresco e límpido, os aromas de verão das rosas, nos velhos jardins, eram substituídos pelos das folhas almiscaradas de outono, fumo de lenha e peru assado.

Olivier e Gabri estavam a relatar os acontecimentos da manhã. A sua descrição era tão vívida que toda a gente na sala conseguia ver os três rapazes mascarados a apanharem esterco de pato na orla do relvado da aldeia: os garotos levantavam as mãos, com o estrume a escorrer-lhes por entre os dedos e

depois atiravam aquilo contra o velho edifício de tijolo. Em pouco tempo, os toldos azuis e brancos da *Campari* ficaram a escorrer. O esterco escorria pelas paredes. A tabuleta «Bistrô» estava salpicada. Em instantes, a face imaculada do café no centro de Three Pines ficou imunda e não só com cocó de pato. A aldeia tinha ficado suja com as palavras que enchiam o ar. «Maricas! Bichas! *Dégueulasse!*», gritavam os rapazes.

Enquanto Jane ouvia Olivier e Gabri, lembrou-se de como tinha saído do seu pequeno chalé de pedra do outro lado do relvado e, apressando-se, vira Olivier e Gabri a sair do restaurante. Os garotos berravam e faziam pontaria aos dois homens, atingindo-os com o estrume.

Jane estugara o passo desejando que as suas vigorosas pernas fossem mais compridas. Depois vira Olivier fazer uma coisa absolutamente extraordinária. Enquanto os rapazes gritavam e atiravam mãos-cheias de esterco, Olivier – lenta, deliberada e delicadamente – pegou na mão de Gabri e segurou-a antes de a levar graciosamente aos lábios. Os garotos tinham visto, momentaneamente espantados, Olivier a beijar a mão suja de estrume de Gabri com os seus lábios manchados de estrume. Pareceram petrificados perante tal gesto de amor e desafio. Mas só por instantes. O ódio triunfou e em breve redobram o ataque.

– Parem com isso! – gritara Jane firmemente.

As mãos deles detiveram-se a meio do impulso, reagindo instintivamente a uma voz de autoridade. Voltando-se como um só, viram a pequena Jane Neal com o seu vestido às flores e casaco amarelo a enfrentá-los. Um dos rapazes, com uma máscara cor de laranja, levantara o braço na direção dela.

– Não te atrevas, garoto.

Este hesitou o tempo suficiente para Jane os encarar um por um.

– Philippe Croft, Gus Hennessey, Claude LaPierre – dissera lenta e distintamente. Foi o suficiente. Os rapazes baixaram as

mãos cheias e fugiram, passando por Jane disparados e tropeçando pela colina acima, o da máscara laranja a rir-se. Era um som tão imundo que se sobrepunha ao esterco. Um deles voltou-se e olhou para trás enquanto os outros corriam contra ele e o empurravam para o Moulin.

Tinha acontecido naquela manhã. Já parecia um sonho.

– Foi horrendo – disse Gabri, concordando com Ruth ao mesmo tempo que se deixava cair numa das velhas cadeiras, de tecido gasto aquecido pelo lume. – Claro que tinham razão; eu sou *gay*.

– E – acrescentou Olivier recostando-se no braço da cadeira de Gabri – bastante esquisito.

– Tornei-me um dos mais imponentes homossexuais do Quebeque – Gabri parafraseou Quentin Crisp¹. – As minhas ideias são de perder o fôlego.

Olivier riu-se e Ruth atirou outra cavaca para o lume.

– Tinhas mesmo um aspeto muito imponente esta manhã – disse Ben Hadley, o melhor amigo de Peter.

– Queres dizer pomposo?

– Diria antes de pequeno burguês.

Na cozinha, Clara dava as boas-vindas a Myrna Landers.

– A mesa está linda – disse Myrna despindo o casaco e deixando à vista um cafetã lilás-vivo. Clara ficou a pensar como é que ela se encolhia para passar pelas portas. Depois Myrna entregou o seu contributo para o serão, um arranjo de flores.

– Onde o queres, menina?

Clara ficou apatetada. Tal como Myrna, os seus ramos de flores eram enormes, efusivos e inesperados. Este era composto

¹ Quentin Crisp (1908-1999). Escritor, ator e modelo inglês. Tornou-se um ícone *gay* depois da publicação das suas memórias (*The Naked Civil Servant*), em 1968, que trouxeram corajosamente a lume as suas fortes convicções homossexuais. (N. da T.)

por ramos de carvalho e ácer, juncos do rio Bella Bella que corre por detrás da livraria de Myrna, ramos de macieira ainda com algumas maçãs e grandes braçadas de ervas.

– O que é isto?

– Onde?

– Aqui, no meio do arranjo.

– Uma kielbassa².

– Uma salsicha?

– Hum... e olha para ali – Myrna apontou para o emaranhado de ramos.

– *Obras Completas de W. H. Auden*³ – leu Clara – Estás a brincar.

– É para os miúdos.

– Que mais está ali dentro? – Clara vasculhou o enorme arranjo.

– O Denzel Washington. Mas não digas ao Gabri.

Na sala, Jane continuava a contar o sucedido:

– ...então o Gabri disse-me: «Tenho o seu adubo. Era exatamente assim que a Vita Sackville-West o usava sempre.»

Olivier segredou ao ouvido de Gabri.

– Tu és esquisito⁴.

– Não estás contente por um de nós o ser? – Uma piada fácil e gasta.

– Como estão? – Myrna veio da cozinha, seguida por Clara e deu um abraço a Gabri e a Olivier enquanto Peter lhe servia um *scotch*.

– Acho que estamos bem. – Olivier beijou Myrna nas duas faces. – Surpreendente é não ter acontecido antes. Estamos aqui

² Salsicha típica da Polónia. (N. da T.)

³ Wystan Hugh Auden (1907 - 1973), poeta anglo-americano, tido como um dos grandes autores do século xx. (N. da T.)

⁴ No original «queer», que tanto pode significar «esquisito» como «homossexual». (N. da T.)

há o quê? Doze anos? – Gabri acenou com a cabeça, a boca cheia de Camembert. – E foi a primeira vez que fomos agredidos. Fui vítima de agressão homofóbica em Montreal quando era miúdo, por um grupo de homens adultos. Foi terrível. – Tinham-se calado e ouvia-se apenas o crepitar e o murmurar do lume enquanto Olivier falava. – Bateram-me com paus. É engraçado, mas quando penso nisso, essa é a parte mais dolorosa. Não os arranhões e as feridas, mas antes de me baterem, apontaram-me com os paus, sabem? – Deu uma cotovelada com um braço para imitar os movimentos deles. – Era como se eu não fosse humano.

– Esse é o primeiro passo – disse Myrna. – Desumanizam a vítima. Definiste muito bem.

Falava por experiência própria. Antes de ir para Three Pines fora psicóloga em Montreal. E por ser negra conhecia aquela expressão singular, quando as pessoas olhavam para ela como se fosse uma peça de mobília.

Ruth voltou-se para Olivier, mudando de assunto.

– Estive na cave e encontrei uns objetos que poderias vender por mim. – A cave de Ruth era o seu banco.

– Fantástico. O quê?

– Algumas peças de vidro vermelho...

– Oh, maravilhoso! – Olivier adorava vidro colorido. – Soprado manualmente?

– Achas que sou idiota? Claro que é soprado manualmente.

– Tens a certeza de que não as queres? – Fazia sempre esta pergunta aos amigos.

– Para de me perguntar isso. Achas que te falava nelas se tivesse alguma dúvida?

– Cabra.

– Vaca.

– Okay. Conta-me mais – pediu Olivier.

O material que Ruth trazia da cave era incrível. Era como se ela tivesse uma porta para o passado. Algumas coisas eram lixo,

como as velhas máquinas de café partidas e torradeiras queimadas. Mas a maior parte fazia-o estremecer de prazer. O voraz antiquário que havia nele, característica mais acentuada do que alguma vez admitiria, estava excitado por ter acesso exclusivo aos tesouros de Ruth. Às vezes sonhava acordado com a cave. Mas se ficava entusiasmado com os pertences de Ruth, mal conseguia controlar a cobiça pela casa de Jane. Seria capaz de matar para ver para lá da porta da cozinha dela. Só a cozinha valia dezenas de milhares de dólares em antiguidades. Quando chegara a Three Pines, por insistência de Gabri, ficara estupefacto ao ver o linóleo no chão do *hall* de Jane. Se o *hall* era um museu e a cozinha um santuário, que estaria para lá disso? Olivier afastou a ideia, sabendo que provavelmente iria ficar desapontado. IKEA. E uma tapete felpuda. Havia muito que deixara de estranhar o facto de Jane nunca ter convidado ninguém para entrar para a sala e para as outras divisões para lá da porta de batente.

– A respeito do adubo, Jane – dizia Gabri com o corpanzil inclinado sobre um dos *puzzles* de Peter –, posso levar-lho amanhã. Precisa de ajuda para podar o jardim?

– Não, já está quase. Mas este pode ser o último ano. Está a ser demasiado para mim.

Gabri ficou aliviado por não ter de ajudar. Tratar do próprio jardim já dava trabalho suficiente.

– Tenho uma quantidade de malvas-rosas bebés – continuou Jane, emoldurada por uma nesga de céu. – Como é que aquelas amarelas se deram consigo? Não as vi.

– Plantei-as no outono passado, mas nunca me chamaram mãe. Arranja-me mais algumas? Troco-as por bergamota.

– Céus, não faça isso! – A bergamota era a curgete do mundo floral. Também figurava proeminentemente no mercado das colheitas e, como tal, na fogueira da Ação de Graças, que exalava um aroma doce a bergamota, como se todas as casas de Three Pines estivessem a fazer chá Earl Grey.

– Já vos contámos o que aconteceu esta tarde depois de todos se terem ido embora? – perguntou Gabri na sua voz de palco, de forma a que as palavras entrassem distintamente em todos os ouvidos na sala. – Estávamos a preparar as ervilhas para esta noite – Clara revirou os olhos e murmurou para Jane «provavelmente perdeu o abre-latas» –, quando a campainha da porta tocou e ali estavam o Matthew Croft e o Philippe.

– Não me digas! O que aconteceu?

– O Philippe murmurou: «lamento aquilo desta manhã».

– O que respondeste? – perguntou Myrna.

– «Prova que lamentas» – respondeu Olivier.

– Não disseste isso! – gritou Clara, divertida e impressionada.

– Com certeza que disse. Não havia sinceridade no arrependimento. Lamentava ter sido apanhado e lamentava as consequências. Mas não acredito que estivesse arrependido do que fez.

– Consciência e cobardia – declarou Clara.

– Que queres dizer? – questionou Ben.

– Oscar Wilde disse que a consciência e a cobardia são a mesma coisa. O que nos impede de fazer coisas horríveis não é a nossa consciência, mas o medo de sermos apanhados.

– Gostava de saber se isso é verdade – disse Jane.

– Gostavas? – perguntou Myrna a Clara.

– De fazer coisas terríveis, se me conseguisse safar?

– Enganar o Peter – sugeriu Olivier. – Roubar o banco. Ou melhor ainda, roubar o trabalho de outro artista?

– Ah, brincadeira de crianças – atirou Ruth. – Agora, pensam em assassínio, por exemplo. Atropelavas alguém com o teu carro? Ou envenenavas, talvez, ou atiravas alguém para o Bella Bella durante as cheias da primavera? Ou – olhou à sua volta, a luz quente da lareira a refletir-se nos rostos levemente preocupados – se nós ateássemos um fogo e não salvássemos as pessoas.

– Que queres dizer com «nós», mulher branca? – perguntou Myrna.

– Queres a verdade? Com certeza. Mas assassínio, não – Clara olhou para Ruth com uma piscadela de olho conspirativa.

– Imaginem um mundo onde pudéssemos fazer tudo. Tudo. E safarmo-nos – disse Myrna voltando a entusiasmar-se com o tema. – Que poder! Quem, aqui, não se deixaria corromper?

– A Jane não deixaria – disse Ruth com convicção. – Mas os outros? – Encolheu os ombros.

– E tu? – perguntou Olivier a Ruth, mais aborrecido por ser incluído onde secretamente sabia pertencer.

– Eu? Mas tu já me conheces bem, Olivier. Eu seria a pior. Iria intrujar, roubar e tornar as vossas vidas um inferno.

– Mais do que agora? – inquiriu Olivier ainda irritado.

– Agora estás na lista – disse Ruth. E Olivier lembrou-se de que a coisa mais parecida que tinham com uma força policial era a corporação de bombeiros voluntários a que ele pertencia, mas de que Ruth era chefe. Quando Ruth Zardo te mandava ir para um incêndio, tu ias. Era mais assustadora do que um edifício a arder.

– Gabri, e tu? – perguntou Clara.

– Houve alturas em que estava suficientemente louco para ser capaz de matar e podia tê-lo feito se soubesse que me safava.

– O que te fez chegar a esse ponto? – Clara estava espantada.

– Traição, sempre e unicamente traição.

– E o que fizeste? – indagou Myrna.

– Terapia. Foi aí que conheci este tipo. – Gabri estendeu a mão e deu uma palmadinha na mão de Olivier. – Penso que ambos frequentámos aquelas sessões quase um ano mais do que o necessário só para nos encontrarmos na sala de espera.

– Não é doença? – perguntou Olivier, afastando da cara um caracol do seu imaculado e já raro cabelo louro. Parecia seda e continuava a cair-lhe para os olhos, fosse qual fosse o produto que usasse.

– Gozem comigo se quiserem, mas nada acontece por acaso – disse Gabri. – Sem traição, não há raiva. Sem raiva, não há terapia. Sem terapia, não há Olivier. Sem Olivier, não...

– Basta – Olivier levantou as mãos rendendo-se.

– Sempre gostei do Matthew Croft – disse Jane.

– Foste professora dele? – perguntou Clara.

– Há muito tempo. Andou da segunda classe até à última aqui na velha escola, antes de ela fechar.

– Ainda acho que foi uma pena fechá-la – comentou Ben.

– Por amor de Deus, Ben, a escola fechou há vinte anos. Anda para a frente. Só a Ruth diria isso.

Quando chegara a Three Pines, Myrna ficara a pensar se Ruth teria tido um acidente vascular cerebral. Por causa da sua profissão, Myrna sabia que por vezes as vítimas de AVC tinham muito pouco controlo dos impulsos. Quando perguntara a Clara, ela respondera que se Ruth tinha tido um derrame, fora quando estava ainda na barriga da mãe. Tanto quanto sabia, Ruth sempre fora assim.

– Então porque é que toda a gente gosta dela? – perguntara Myrna.

Clara rira-se e encolhera os ombros.

– Sabes, há dias em que faço a mim mesma essa pergunta. Que peça aquela mulher pode ser. Mas vale o esforço, acho eu.

– Seja como for – irritou-se Gabri por ter temporariamente deixado de ser o centro das atenções –, o Philippe concordou em trabalhar quinze horas, como voluntário, no restaurante.

– Mas não estava feliz com isso – disse Peter levantando-se.

– Tens toda a razão – respondeu Olivier com uma careta.

– Quero propor um brinde – atirou Gabri. – Aos nossos amigos que hoje permaneceram ao nosso lado. Aos nossos amigos que passaram a manhã a limpar o restaurante.

Era um fenómeno em que Myrna já tinha reparado, a habilidade de algumas pessoas para transformarem um acontecimento

terrível numa vitória. Tinha pensado nisso naquela manhã, com estrume debaixo das unhas, fazendo uma pausa para olhar para as pessoas, jovens e velhas, a ajudarem. E ela era uma delas. E voltou a abençoar o dia em que decidira abandonar a cidade e ir para ali e vender livros a estas pessoas. Sentia-se finalmente em casa. Depois recordou-se de outra imagem, uma imagem que se tinha perdido na azáfama da manhã. Ruth apoiada na sua bengala, afastando-se dos outros, de modo que só Myrna pôde ver o esgar de dor quando a velha mulher se ajoelhou e começou a esfregar o chão silenciosamente. Toda a manhã.

– O jantar está pronto – anunciou Peter.

– Formidável. *Le Sieur?* – perguntou Jane uns minutos depois, levando à boca uma garfada de ervilhas e molho.

– *Bien sûr*. Do Monsieur Beliveau – aquiesceu Olivier.

– Oh, por amor de Deus – exclamou Clara para a ruidosa mesa de pinho. – São ervilhas enlatadas! Da mercearia. E dizeste tu um *chef!*

– *Le Sieur* é a melhor das marcas *standard* de ervilhas enlatadas. Continua assim, menina, e para o ano levas com uma marca branca. Não há gratidão – segredou Olivier a Jane – e ainda por cima na véspera da Ação de Graças. Que vergonha.

Comeram à luz de velas, de todas as formas e tamanhos, a tremeluzir pela cozinha. Tinham os pratos cheios de peru com recheio de castanhas, inhame cristalizado e batatas, ervilhas e molho. Todos tinham trazido qualquer coisa para comer, menos Ben, que não cozinhava. Mas trouxera garrafas de vinho, o que ainda era melhor. Era uma forma de estarem juntos, e partilhar o que cada um trazia era a única forma de Peter e Clara poderem dar um jantar.

Olivier inclinou-se para Myrna.

– Outro magnífico arranjo floral.

– Obrigada. Na verdade, há qualquer coisa escondida ali para vocês os dois.

– A sério? – Gabri levantou-se num ápice. As suas pernas compridas empurraram-lhe a gorda barriga pela cozinha até ao arranjo floral. Ao contrário de Olivier, que era reservado e metucioso como um gato, Gabri era mais como um São Bernardo, apesar de quase sempre sem baba. Examinou cuidadosamente a complexa floresta e depois guinchou.

– Exatamente o que eu sempre quis – retirou uma kielbassa.

– Não é isso. Isso é para a Clara – todos olharam preocupados para Clara, especialmente Peter. Olivier pareceu aliviado. Gabri voltou a levar a mão ao arranjo e retirou desajeitadamente o espesso livro.

Obras Completas de W. H. Auden. Gabri tentou disfarçar o desapontamento. Mas não foi muito convincente.

– Não conheço.

– Oh, Gabri, vai ter uma agradável surpresa – disse Jane.

– Muito bem, já não aguento mais – disse Ruth de repente, inclinando-se para Jane por cima da mesa. – A Arts Williamsburg aceitou o teu trabalho?

– Sim.

Foi como se a palavra soltasse molas nas cadeiras. Puseram-se todos em pé de um salto, correndo para Jane, que se levantou e aceitou os abraços com entusiasmo. Parecia brilhar mais do que qualquer das velas na sala. Recuando um pouco e observando a cena, Clara sentiu o coração palpitar e o espírito iluminar-se, e sentiu-se realmente afortunada por poder partilhar aquele momento.

– Os grandes artistas colocam muito de si no seu trabalho – disse Clara quando as cadeiras foram novamente ocupadas.

– Qual é o significado especial de *Dia de Feira*? – perguntou Ben.

– Então, isso seria batota. Tens de o compreender. Está lá tudo. – Jane voltou-se para Ben, sorrindo. – Vais perceber, tenho a certeza.

– Porque se chama *Dia de Feira*? – questionou.

– Foi pintado na Feira Regional, durante o cortejo final. – Jane deitou um olhar significativo a Ben.

A mãe dele, a sua amiga Timmer, morrera naquela tarde. Seria possível ter sido apenas há um mês? Toda a aldeia tinha estado no cortejo exceto Timmer, a morrer com um cancro, sozinha na cama, enquanto o filho, Ben, se encontrava em Otava num leilão de antiguidades. Tinham sido Clara e Peter a dar-lhe a notícia. Clara nunca esqueceria a expressão dele quando Peter lhe disse que a mãe tinha morrido. Não era tristeza, nem mesmo dor, ainda. Mas completa incredulidade. Não era o único.

– O Mal não é espetacular e é sempre humano, e partilha a nossa cama e come à nossa mesa – disse Jane, quase sem fôlego. – Auden – explicou fazendo um gesto com a cabeça na direção do livro na mão de Gabri, esboçando um sorriso que quebrou a inesperada e inexplicável tensão.

– Eu podia escapulir-me e dar uma olhadela ao *Dia de Feira* antes da exposição – disse Ben.

Jane respirou fundo.

– Gostava de vos convidar a todos para uma bebida depois da inauguração da exposição. Na sala. – Se tivesse dito «nua» não teriam ficado mais espantados. – Tenho uma surpresa para vocês.

– A sério? – exclamou Ruth.

De barriga cheia de peru e de tarte de abóbora, vinho do Porto e café expresso, os convidados foram para casa com as lanternas a oscilar como grandes pirilampos. Jane deu a Peter e Clara um beijo de boas-noites. Tinha sido uma véspera do Dia de Ação de Graças naturalmente agradável entre amigos. Clara ficou a ver Jane percorrer o caminho tortuoso através do bosque que ligava as suas casas. Muito depois de Jane ter desaparecido de vista ainda se podia ver a luz branca luminosa da

lanterna, como Diógenes. Só depois de ouvir o ladrar ansioso da cadela de Jane, *Lucy*, é que Clara fechou a porta devagarinho. Jane estava em casa. Em segurança.

